

Etnografia de e na rua: desvelando a cidade na cobertura jornalística

Ethnography of and in the street: unveiling the city in the journalistic agenda

Miriam Santini de Abreu

Resumo: O artigo parte da etnografia de rua para analisar a cobertura jornalística da Avenida Hercílio Luz, no Centro de Florianópolis (SC, Brasil). Os objetivos são identificar 1) os temas de interesse e 2) os temas ausentes no jornalismo local, mas potencialmente capazes de levar a reflexões sobre a cidade a partir da cobertura da e na rua na perspectiva da antropologia urbana. Os resultados mostram que a cobertura tematiza os conflitos de uso, mas não aprofunda a compreensão da experiência urbana a partir da perspectiva dos usuários da rua.

Palavras-chave: Jornalismo; Etnografia de rua; Antropologia urbana.

Abstract: The article starts from street ethnography to analyze the journalistic coverage of Avenida Hercílio Luz, in the Florianópolis's downtown (SC, Brazil). The objectives are to identify 1) themes of interest and 2) themes that are absent in local journalism, but potentially capable of leading to reflections on the city from street coverage from the perspective of urban anthropology. The results show that the coverage thematizes use conflicts, but does not deepen the understanding of the urban experience from the perspective of street users.

Keywords: Journalism; Street ethnography; Urban anthropology.

INTRODUÇÃO

Uma nota publicada pelo colunista Renato Igor, do grupo jornalístico catarinense NSC, intitulada “Avenida Hercílio Luz pode virar a Champs-Élysées manezinha”, referindo-se à conhecida Avenida de Paris, é significativa do que representa a via de 1,5 quilômetro localizada no Centro da capital

catarinense. O colunista entrevistou pesquisadores sobre a atuação de Hercílio Luz (presidente – denominação equivalente a governador antes de 1930 – de Santa Catarina por três mandatos, 1894 a 1898, 1918 a 1922 e 1922 a 1924), que, após viagem à Europa, “planejou uma via ao estilo parisiense e que ajudasse no saneamento da cidade” (IGOR, 16 maio 2022). Após listar os projetos do poder público para concretizar a ideia de alameda na citada avenida, retomando o projeto original inspirado na Avenida Champs-Élysées, o colunista conclui:

A avenida Hercílio Luz está no centro da polêmica da ocupação do espaço por jovens nos finais de semana, o funcionamento dos bares e o sossego dos moradores. Espera-se que as mudanças permitam a atividade legal dos estabelecimentos e a frequência dos jovens que levaram vida ao centro leste e histórico da cidade. (IGOR, 16 maio 2022).

A palavra “polêmica” é apropriada para remeter aos conflitos de uso na e pela avenida, cujo canteiro central cobre um rio cuja fonte está no Maciço Central – porção montanhosa que corta o Centro de Florianópolis no sentido Norte-Sul – e era chamado, no século 19, de córrego da Fonte Grande e, posteriormente, Rio da Bulha e já então receptáculo de lixo e esgoto. Quando da canalização, inaugurada em 1922 como Avenida do Saneamento, hoje Avenida Hercílio Luz, parte das populações empobrecidas foi expulsa de suas margens e se instalou no sopé de morros próximos integrantes do Maciço Central. A obra integrou projetos de modernização da capital do estado, em um contexto de discursos e práticas sanitárias/higienistas (BORGHEZAN, 2014), e a nova avenida, destaca Veiga, passou a ser uma das regiões residenciais preferidas da classe média (VEIGA, 1993, p. 157 e 257).

Em 2008, foi concluída a obra chamada de “revitalização” sobre o canal de drenagem, assim registrada pela mídia local: “O canal de drenagem, que antes escorria a água de córregos a céu aberto e possuía um forte cheiro desagradável, agora foi coberto com laje em concreto que servem de base para

a execução das calçadas e da ciclovia” (REVITALIZAÇÃO..., 10 jul. 2008). No processo histórico, as denominações, conforme classificação de Souza (2001), passam de referenciais físicos do lugar (córrego da Fonte Grande e, posteriormente, Rio da Bulha) para referenciais socioculturais (Avenida do Saneamento, aludindo a um marco inaugural da infraestrutura e tecnologia de saneamento da capital, e Avenida Hercílio Luz, em homenagem ao representante da elite local que planejou as obras).

Com o passar do tempo, o canteiro central foi sendo apropriado pela população, gerando conflitos de uso visibilizados na cobertura jornalística. O artigo analisa essa cobertura utilizando a etnografia de rua e a análise de conteúdo. Os objetivos são identificar 1) os temas/abordagens de interesse e 2) os temas/abordagens ausentes no jornalismo local, mas potencialmente capazes de levar a reflexões sobre a cidade a partir da cobertura da e na rua. A análise tem origem em experiência de estágio pós-doutoral de nove meses no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sendo o resultado parcial de investigação mais ampla sobre os sentidos da rua no jornalismo.

As novas tecnologias de informação e comunicação afetaram profundamente as rotinas produtivas do jornalismo. Mas um bordão que continua recorrente e sobrevive às mudanças é o seguinte: “O repórter tem que estar na rua”. Entre jornalistas, são frequentes as referências às diferenças entre repórter “de rua” e repórter “de redação”. Um jornalista pode desempenhar muitas funções: apresentador, diagramador, assessor de imprensa, colunista, fotojornalista, redator. Mas a que é retratada em livros e filmes é a função de repórter, a mais indiscutivelmente associada à rua, porque o repórter diariamente produz notícias e parte delas implica “sair à rua” para a apuração, nome dado ao conjunto de práticas e procedimentos usados pelos jornalistas para captar e checar informações e compor a matéria jornalística (SILVA, 2022, p. 31).

Uma ideia bastante rica da antropologia para pensar a rua no jornalismo vem do “leque das experiências urbanas”, no dizer de Magnani (2002, p. 16),

em artigo no qual o autor analisa o método etnográfico sobre a cidade e sua dinâmica propondo resgatar um olhar de “perto e de dentro”, capaz de identificar, descrever e refletir sobre aspectos excluídos da perspectiva daqueles enfoques que o autor qualifica como “de fora e de longe” (2002, p. 17). Nos enlaces entre a antropologia e o jornalismo (SANTANA, 2022), é possível afirmar que o olhar do jornalista “de redação” é um olhar “de fora e de longe”, sendo o do repórter “de rua” um olhar “de perto e de dentro”. O repórter “de rua” tem potencialmente a possibilidade de qualificar a cobertura jornalística à medida que permite ao conjunto de processos de apuração encharcar-se da experiência do vivido no espaço urbano.

Para identificar os temas da cobertura jornalística sobre a Avenida Hercílio a partir da análise categorial temática proposta pela análise de conteúdo (FONSECA JÚNIOR, 2005), foram pesquisados 10 anos (2012 a 2022) de cobertura do jornal *ND*, do Grupo ND, o único a ainda manter jornal impresso diário em Florianópolis. O Grupo ND, sediado em Florianópolis, foi criado em 2019 a partir da cisão das empresas catarinenses do Grupo RIC, nascido em 1987. Fazem parte do grupo o jornal *ND*, de onde vem sua sigla, emissoras de TV, plataformas de áudio, revista e portal de notícias, sendo retransmissor da programação da rede Record.

Em 2012, o ND passou a disponibilizar edições digitais do jornal diário em seu site, facilitando a busca por palavra-chave. Foram selecionados e analisados 494 registros encontrados para "Avenida Hercílio Luz" entre 31/03/2012 e 20/12/2022, com a identificação e análise categorial temática exposta na Tabela 1.

Tabela 1 – Categorização temática da cobertura jornalística sobre a Avenida Hercílio Luz

TEMAS
1) Conflitos de uso (bares)
2) Lazer
3) História/Memória e Patrimônio/Tombamento
4) Segurança/Insegurança

A experiência etnográfica aqui realizada relaciona-se com a técnica de etnografia de rua encontrada em Rocha e Eckert (2013) e em Vedana (2013), em que a exploração dos espaços urbanos se dá através de caminhadas nas quais o pesquisador busca captar as variações das formas de ocupação do espaço, dos jogos de interação social e tensões nos territórios vividos (ROCHA E ECKERT, 2013, p. 23). Em relação à antropologia em seu método clássico, na etnografia de rua a alteridade “(...) não está situada no espaço estranho e tampouco é o Outro distanciado” (ROCHA E ECKERT, 2013, p. 12). Nesse exercício etnográfico, a rua é compreendida como arranjo espaço-temporal onde se desenrolam as diversas formas da vida social (ROCHA E ECKERT, 2013, p. 13). Nesse sentido, os múltiplos usos e contra-usos da Avenida Hercílio Luz também são ricos para evocar, como escreve Vedana em seu estudo sobre os mercados de rua no mundo urbano, “(...) as maneiras como nas cidades contemporâneas são agenciadas as formas de expressar seus traços culturais, as maneiras de viver o tempo do cotidiano e de conformar uma estética urbana” (VEDANA, 2013, p. 161).

A etnografia de rua combina-se aqui com a tomada dos arquivos como campo de prática etnográfica, na perspectiva de Cunha (2004) e Muzzopappa e Villalta (2011). O levantamento de uma década de cobertura jornalística toma o jornal como produto resultante de diversos processos, na perspectiva apontada por Muzzopappa e Villalta (2011, p. 37), procurando detectar, no conjunto documental, as relações sociais e de poder nele e por trás dele.

Foram feitas oito saídas na Avenida Hercílio Luz, em diferentes dias de semana e horários, entre os dias 28 de maio de 2022 a 7 de janeiro de 2023, com

anotações e fotografias de diferentes aspectos da avenida, na direção Sul/Norte (da Avenida Gustavo Richards até a Avenida Mauro Ramos, toda a sua extensão), totalizando 1,5 quilômetro e 18 minutos de caminhada se o trajeto fosse feito de forma contínua, conforme o Mapa 1, que mostra também 1) as quatro áreas em que se divide a avenida (BERNARDES, 2016) e 2) foto do passeio central.

Mapa 1 – Percurso realizado na Avenida Hercílio Luz e áreas da via



Fonte: Google Earth. Mapa menor elaborado por Arlis Buhl Peres. Mapa das áreas elaborado por Cristina Damiani Bernardes. Foto da autora.

No Plano Diretor de Florianópolis (Lei Complementar 482/2014), a Avenida Hercílio Luz é considerada via coletora CI-006, tendo faixa de domínio maior que 31,60 metros de largura, 2 pistas de rolamento com 7 metros de largura cada uma, sendo 2 faixas por pista, canteiro central variável com até

7,60 metros de largura, duas faixas de estacionamento de cada lado com 2 metros de largura, passeios laterais de 3 metros de largura, mão única em cada sentido e ciclovia e passeio sobre o canteiro central, o qual cobre o rio.

A etnografia orientou-se pela sugestão metodológica de José Guilherme Magnani (1996, p. 37) de identificar, em campo, cenários, atores e regras, assim como observação e conversas informais. As situações identificadas nas saídas estão na Tabela 2.

Tabela 2 – Situações identificadas nas saídas de campo na Avenida Hercílio Luz

TEMAS
1) Usos diversificados da avenida
2) Diversidade de pessoas na avenida
3) Substituição de moradias unifamiliares por prédios
4) População em situação de rua

A categorização temática da cobertura jornalística encontrada na pesquisa do jornal *ND* será correlacionada a seguir ao conjunto de situações identificadas nas saídas de campo. É importante ressaltar que os temas identificados na cobertura jornalística muitas vezes têm relação entre si, como preocupações com o patrimônio histórico localizado na avenida relacionadas à falta de segurança ou à ausência do poder público. Não se toma a cobertura, portanto, como um conjunto estanque, como se um tema específico não tivesse ligação com abordagens que podem apontar relações como outros temas, como se verá na exposição das unidades significativas encontradas no material etnográfico.

ETNOGRAFIA DE RUA NA AVENIDA HERCÍLIO LUZ E ANÁLISE DA COBERTURA JORNALÍSTICA

As práticas sociais é que dão significado ou ressignificam os espaços, afirma Magnani (1996), e nesse sentido é possível afirmar que a Avenida

Hercílio Luz apresenta formas de uso e apropriação do espaço diferentes em suas diferentes áreas e de dia e à noite, sendo o canteiro central, que cobre o rio, o cenário por excelência da diversidade de usos e consequentes conflitos, ainda que, eventualmente, esses usos e conflitos também se expressem nos dois passeios laterais (as calçadas) e existam usos comuns de dia e à noite.

A existência do rio sob o canteiro central aparece na cobertura jornalística do *ND*, como na reportagem intitulada “Rios e córregos invisíveis que correm pelo Centro”, publicada na edição de 3 de janeiro de 2022 e originalmente produzida pelo *Floripa Centro*, portal de notícias dedicado ao Centro de Florianópolis (CULLETON, 3 jan. 2022). Contraditoriamente, a existência daquele “ente fluvial”, designação de Centena e Matos (2023, p. 17), é praticamente apagada na própria avenida. Não existem ali placas ou monumentos que contem a história de como um rio tão importante para o abastecimento da capital tenha se transformado em esgoto, sido canalizado e, nos anos 2000, tampado com concreto. Na esquina da avenida com a Rua Fernando Machado, onde há um bueiro parcialmente coberto de vegetação, é possível ouvir e ver a água passando sob o canal (Figura 1).

Figura 1 - Bueiro no canteiro central onde é possível ver ou ouvir o rio



Fonte: Foto da autora.

Nas saídas realizadas nos dias 3 e 7 de janeiro de 2023, foi possível observar o rio, que exalava mau cheiro, porque um dos dois poços de inspeção, na proximidade da Avenida Governador Gustavo Richards, estava aberto. O segundo poço localiza-se na outra ponta, ao final da Avenida Hercílio Luz, na esquina com a Avenida Mauro Ramos, e ambos ficam geralmente vedados com placas de metal (Figura 2).

Figura 2 – Poço de inspeção na proximidade da Avenida Gustavo Richards



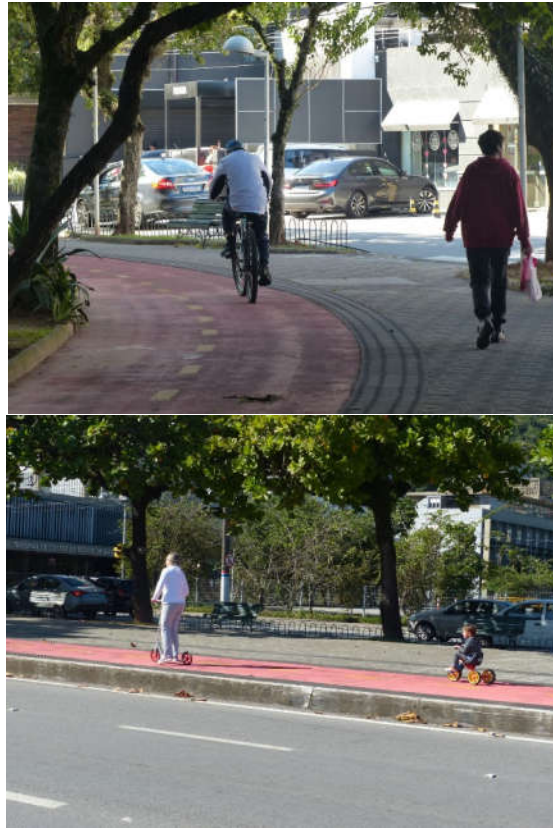
Fonte: Foto da autora.

A avenida é sinuosa em função do curso do rio, e apresenta-se de forma heterogênea, podendo ser dividida em quatro partes (BERNARDES, 2016), conforme o Mapa 1. A Área 1, edificada sobre aterro iniciado nos anos 1970, tem bolsões de estacionamento e prédios públicos, como os fundos do “marmitão” – nome dado ao prédio do Fórum da Comarca de Florianópolis e cujo perfil ali se destaca –, a entrada da superintendência regional do Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT), os fundos da Polícia Rodoviária Federal (PRF), a lateral do prédio da Agência Nacional de Mineração (ANM) e os fundos do Tribunal de Contas do Estado de Santa Catarina. As características são de espaço de passagem, sendo ali o final da avenida ao Sul e onde ela se encontra com a Avenida Governador Gustavo Richard, pista de trânsito veloz que leva à ponte Colombo Salles, saída de Florianópolis, com intenso ruído de tráfego. A Área 2 se assemelha à Área 1, mas em menor amplitude. A Área 3 é a mais dinâmica e que mais se assemelha a um boulevard, com intensa presença de comércio, serviços e diversidade de usos, apresentando-se, portanto, como a centralidade da Avenida Hercílio Luz.

A Área 4 se assemelha à Área 3, mas perde um pouco da característica comercial e tem mais a característica residencial.

Na cobertura jornalística, o canteiro central também é chamado de boulevard, bulevar, passeio central, alameda e calçadão. Nas oito saídas realizadas, foram identificados usos diversos do canteiro central ligados às diferentes formas de locomoção (Figuras 3 e 4): 1) caminhada e corrida; 2) bicicleta; 3) patinete; 4) skate; 5) minicarro; 6) passeio com cães; 7) uso dos bancos fixos para descanso; 8) uso das mesas fixas de jogos; 9) instalação temporária de mesas e cadeiras de plástico pelos bares. Parte da diversidade de usos se explica pela ciclovia, onde ciclistas a passeio ou a trabalho, como entregadores de aplicativos, precisam dividir a pista demarcada com usuários de patinetes. Nas mesas, há até a realização de reuniões de trabalho. Em uma das saídas, observei uma conversa em que uma das pessoas do grupo estava com laptop aberto sobre a mesa.

Figuras 3 e 4 – Usos do canteiro central da Avenida Hercílio Luz



Fonte: Fotos da autora.

Um aspecto notável da avenida é o fato de nela haver 72 bancos de madeira pintados de verde escuro, além de outros 22, de concreto, na Praça Olívio Amorim, localizada na avenida, característica única em uma via de Florianópolis. Ao longo do canteiro central, também há conjuntos fixos de bancos e mesas com tabuleiro de xadrez. Os usos diversificados motivados por essa estrutura, continuamente geradora de investimentos públicos para manutenção, são tematizados, ainda que de forma fragmentada, na cobertura jornalística.

Um desses usos, o de mesas e bancos fixos para jogos, pode ser observado diariamente no trecho da avenida entre as esquinas com a Rua Anita Garibaldi e a Rua José Jacques. É neste trecho que se localiza o chamado “Paredão” da Hercílio Luz, um conjunto de 8 torres de 11 andares cada uma construídas no

boom imobiliário dos anos 1970, todas com nome de mulher, encostadas uma na outra ocupando toda a quadra e onde, estima-se, morem 5 mil pessoas. É o trecho da avenida com as árvores mais entrelaçadas nas copas, recebendo pouca luz solar, também por causa da sombra dos prédios do Paredão. A diversidade de comércio e de serviços é significativa nos térreos da quadra: loja de colchões, de cosméticos, de produtos para pets, quitanda, minimercado, restaurante, pizzaria, padaria, sorveteria, hamburgueria, loja de embalagens, cabeleireiro, farmácia, material de desenho e pintura, lavanderia, assistência técnica de celular, clínica odontológica, danceteria, sebo e hostel. Entre a primeira e a última saída de campo, houve mudanças, como o fechamento de uma loja de produtos naturais e, no lugar, a abertura de uma pizzaria. O fechamento de comércios e serviços e sua substituição, ou não, por outros negócios, ocorreu em outras áreas do Centro, principalmente durante e depois da pandemia de covid-19, havendo casos em que pontos outrora ocupados e atualmente disponíveis exibem placas de aluguel ou venda.

Um dos negócios mais antigos do trecho é o restaurante Caiçara, que na placa frontal anuncia: “Desde 1980”. Já a confeitaria Blumenau, na esquina com a Rua Anita Garibaldi, é ponto de encontro de políticos pela proximidade da Câmara de Vereadores, e nas imediações também está o conhecido Bar do Paulinho, que à noite, em mesas e bancos instalados na calçada, recebe frequentadores habituais. É na frente do já citado restaurante Caiçara que um grupo de idosos todos os dias joga dominó. Na saída realizada na manhã de 16 de julho, um sábado de chuva, eles haviam improvisado um toldo para continuar o jogo (Figura 5).

Figura 5 – Jogo de dominó na frente do “Paredão” da Avenida Hercílio Luz



Fonte: Foto da autora.

As partidas de dominó na frente do Paredão, detalhadas por Centena e Matos (2023), são citadas em reportagem do *ND* publicada em 2012, intitulada “Avenida Hercílio Luz, o mundo peculiar do paredão”, com a seguinte linha de apoio: “Moradores dos prédios construídos no final dos anos 70 superaram problemas com o prazer de viver numa área que é modelo de urbanização”:

Mesmo com os problemas, raramente os apartamentos ficam vazios e o condomínio chega a custar até R\$ 850. É comum ver senhores jogando dominó no passeio urbanizado que fez da avenida uma espécie de boulevard sem similar na Capital. O proprietário do restaurante Caiçara, Munir Muniz, diz que ali as pessoas ainda se cumprimentam, num comportamento que lembra as pequenas cidades do interior. “Não se vê isso em outros lugares de Florianópolis”, constata. (SCHMITZ, 31 mar. 2012)

A reportagem também cita o fato de muitos idosos e crianças usarem o passeio. Levando em conta o fato de a publicação ser de 2012, é possível afirmar que uma lacuna na cobertura jornalística local é o não aproveitamento da

diversidade de usos e de pessoas na Avenida Hercílio Luz para aprofundar um tema: o aumento expressivo de idosos em Florianópolis.

O portal *Isto É Dinheiro* publicou notícia em 18 de julho de 2022, com o título “Conheça as 10 melhores cidades para viver na aposentadoria”, na qual indica Florianópolis em segundo lugar, estando Santos (SP) no topo da lista, com base no Índice de Desenvolvimento Urbano para a Longevidade, do Instituto de Longevidade Mongeral Aegon (CONHEÇA..., 18 jul. 2022). Já em 22 de julho de 2022, o *ND* publicou notícia intitulada “Pesquisa revela que 17 a cada 100 pessoas são idosas em Florianópolis”, mostrando que, entre 2012 e 2021, o número de idosos cresceu de 12,6% para 17,3% em relação à população total da cidade, sendo que o número de crianças e jovens de 0 a 17 anos foi de 22,9% para 20,2% no mesmo período e, na faixa de 18 a 29 anos, de 22,7% para 15,2%. A notícia divulga outros dados do Censo 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mas não há entrevistas sobre o fato nem interpretações que busquem compreendê-lo (PESQUISA..., 22 jul. 2022).

A partir da teoria marxista de jornalismo de A. Genro Filho (1989), que compreende o conhecimento como práxis – uma atividade de mútua produção entre sujeito e objeto – e a realidade social como totalidade, o dado do IBGE poderia ser o “gancho” para uma ampla reportagem sobre o tema, sendo a Avenida Hercílio Luz um rico espaço urbano para compreender as múltiplas dimensões do fato apontado na notícia. Ali há idosos que jogam, caminham, passeiam com crianças ou pequenos animais, trabalham na formalidade e na informalidade – como a vendedora de Trimania que fica diariamente sentada em uma cadeira de praia na esquina da Avenida Hercílio Luz com a Rua Anita Garibaldi ou nas imediações – e também pedintes e pessoas em situação de rua idosas.

Um aspecto fundamental da teoria de Genro Filho é a relação que ela tem com a emergência do novo e a possibilidade de o jornalismo apreendê-lo na linguagem articulando fatos singulares (únicos) às dimensões filosóficas do particular e do universal, aspirando à totalidade. Na discussão sobre os fenômenos e acontecimentos que povoam o cotidiano, o autor ressalta que

ambos “(...) precisam ser percebidos como processos incompletos que se articulam e se superpõem para que possamos manter uma determinada ‘abertura de sentido’ em relação a sua significação” (GENRO FILHO, 1989, p. 36). No jornalismo, isso implica perceber o novo na vida social e estar atento à sua irrupção na vida cotidiana. Nesse sentido, o envelhecimento da população brasileira, o crescimento do número de idosos em Florianópolis e o fato de a cidade ter sido considerada a segunda melhor para viver na aposentadoria são fatos novos que produzem efeitos na vida cotidiana e ajudam a explicá-la se tratados em sua totalidade na cobertura jornalística.

Ao longo de todo o traçado da Avenida Hercílio Luz, constata-se outro fenômeno, a substituição acelerada de casas por prédios. Uma das casas que sobraram, de dois pisos, na esquina da avenida com a Rua Hermann Blumenau, tem uma placa, “Vila Ganzo”, e é uma das mais charmosas da avenida (Figura 6). Ao lado dela havia outra casa, demolida para a construção em curso de um prédio.

Figura 6 – Casa de dois andares na esquina com a Rua Hermann Blumenau e prédio em construção



Fonte: Foto da autora.

Na edição de 3 de novembro de 2021 do *ND*, nota do colunista Marcos Cardoso observa esse fato:

Cenário

Mais duas das poucas casas que ainda restam na avenida Hercílio Luz estão vindo abaixo ao mesmo tempo. Em frente à praça Olívio Amorim, quase na esquina com a rua Hermann Blumenau, o endereço de arquitetura charmosa e fachada amarela, que serviu por último como o espaço para festas e eventos Requite, e o imóvel à sua direita, onde funcionou a memorável Pizzeria San Francesco, já estão em adiantado processo de demolição. Ambas, fechadas há bastante tempo, pertenciam à família Vieira. (CARDOSO, 3 nov. 2021, p. 17)

Nas edições analisadas, porém, o nome da avenida não aparece em nenhuma notícia ou reportagem – gênero jornalístico que aprofunda a notícia – que aborde o tema da especulação imobiliária em Florianópolis. Na Rua Hermann Blumenau, atrás da casa mostrada na Figura 6, localiza-se um empreendimento comercial, o Bewiki, considerado o mais valioso da capital catarinense, conforme notícia na edição de 12/13 de novembro de 2022 no *ND* intitulada “Venda do metro quadrado em Florianópolis chega a R\$ 50 mil” (Figura 7).

Figura 7 – Notícia sobre o complexo multiuso Bewiki no ND

ND sábado, 12 de novembro de 2022 21

Venda do metro quadrado em Florianópolis chega a R\$ 50 mil

Montante foi verificado no Centro de Florianópolis; mix diversificado de moradia e serviços essenciais levou a Bewiki a ser hoje o empreendimento mais valioso da capital catarinense

Uma metrópole com características únicas, que reúne as vantagens dos grandes centros urbanos e o clima acolhedor das cidades de interior, referência em tecnologia, qualidade de vida, turismo e desenvolvimento no Brasil e exterior, Florianópolis atrai mais visitantes e moradores a cada ano, o que impulsiona sobremaneira o preço dos imóveis na cidade. Apenas em agosto de 2022, o município registrou o quarto maior aumento no custo dos imóveis entre as capitais do país, com alta de 1,9%, atrás apenas de Vitória (1,88%), Manaus (1,77%) e Curitiba (1,30%). No mesmo período, os valores no Brasil subiram 0,60%, em média, apontam dados do índice FipeZAP+.

E quem pensa que o metro quadrado mais valorizado de Florianópolis fica localizado em Jurema ou outras praias da cidade, se engana. As vantagens oferecidas por um complexo multiuso, que permite que os moradores tenham um diversificado mix de comércio e serviços ao lado de casa, possibilitando mais tempo e qualidade de vida no dia a dia levou a Bewiki, localizada no Centro da capital catarinense, ao topo do ranking. O CEO da Bewiki, Eduardo

Gastaldo, diz que o empreendimento é hoje o mais valioso do município por diferentes razões, principalmente por concentrar, em seu espaço físico, diferentes atividades e muitas opções aos usuários. "Na Bewiki a pessoa encontra tudo para resolver de forma fácil o seu cotidiano e ganha tempo para desfrutar a vida", destaca.

Ele avalia ainda que as novas tecnologias mudaram o mundo em todas as áreas e a pandemia acelerou este processo. "Hoje, desde a digitalização dos encontros e reuniões, passando pelo home office, até serviços que antes eram necessariamente presenciais, quase tudo está disponível online. Então, por que não aproximar da moradia os hospedagem, cuidados e serviços de saúde, espaços para trabalhar e criar conexões exponenciais, veículos compartilhados, lazer, gastronomia, mercado? A Bewiki oferece tudo isso no mesmo endereço e facilita o acesso e o parcelamento do pagamento desses serviços através do app da startup, que ainda oferece cash back. Foi esse novo conceito que tornou a Bewiki o metro quadrado mais valorizado de Florianópolis", reforça Gastaldo.

de saúde do empreendimento, onde estão localizados o Becare Hospital Dia, com consultoria e gestão do Hospital Israelita Albert Einstein, o Becare clínicas, com consultórios médicos de diversas especialidades, além de laboratórios de análises clínicas e exames de imagem, também com o selo de qualidade do Hospital Einstein.

Essas operações fazem com que até 80% das necessidades de saúde sejam supridas no endereço da Bewiki. "Este morador, que já adquiriu um imóvel, diz que quando não estiver locado, o apartamento será como um investimento seguro para toda a sua família", acrescenta o CEO da Bewiki.

Complexo multiuso proporciona qualidade de vida aos moradores

Cuidado com a saúde é diferencial

A pandemia de Covid-19 pegou a todos de surpresa em 2020 e postergou muitas atividades que deveriam ser inadiáveis, principalmente relacionadas aos cuidados com a saúde, como exames e cirurgias eletivas. No período, o número de pessoas aguardando cirurgias eletivas no Estado passou de 40 mil para 100 mil.

A crise, no entanto, inspirou a Bewiki a criar novas soluções para a área e o empreendimento acrescentou, junto à moradia, os serviços de hospedagem, além de outros serviços, uma estrutura completa para o atendimento em saúde. No empreendimento, os moradores podem optar por adquirir um "Health Studio", por exemplo, apartamento de alto padrão, mobiliado e decorado, totalmente equipado para quem necessita de cuidados especiais ou simplesmente quer viver onde a saúde é protegida e cuidada.

O morador ou usuário dispõe de ambulância 24 horas por dia e profissionais de saúde de todas as áreas contratados sob demanda. "O primeiro comprador de um imóvel da empresa, por exemplo, não mora na cidade, reside em São Paulo e o comprou como investimento para uso futuro de familiares ou de si mesmo", ressalta Gastaldo.

O imóvel está localizado atrás do andar da infraestrutura

Serviços agregam valor ao espaço físico

A Bewiki é uma startup que reúne, em um mesmo empreendimento e em um só aplicativo, moradia, hospedagem, trabalho, conectividade, cuidados com a saúde, carros por assinatura, estacionamento, gastronomia, consumo e lazer. O propósito é facilitar o dia a dia das pes-

soas compartilhando espaços e serviços para que o usuário gane tempo e qualidade de vida. Para isso, a Bewiki empilhou o conceito de morar, entendendo que morar não é simplesmente habitar um espaço. "Fazem só isso, oferecem moradia, hospedagem, espaço para trabalhar e se conectar, estacionar, locar um carro por horas, dias ou meses e também para cuidar do nosso bem mais valioso: a saúde. Quem mora ou se hospeda na Bewiki faz consultas, exames de imagem e até cirurgias de pequena e média complexidade sem sair de casa", finaliza Eduardo Gastaldo.

Publicitorial

A notícia cita todas as comodidades oferecidas pelo empreendimento e, apesar de seguir o padrão editorial e gráfico do restante do jornal, é um exemplo de notícia paga por anunciante, fato verificável em discreta expressão no pé da página, "Publieditorial". A notícia cita a elevação do preço dos imóveis na cidade, mas ao fato agrega somente elogios à qualidade do citado metro quadrado mais valorizado de Florianópolis:

Apenas em agosto de 2022, o município registrou o quarto maior aumento no custo dos imóveis entre as

capitais do país, com alta de 1,19%, atrás apenas de Vitória (1,88%), Manaus (1,77%) e Curitiba (1,20%). No mesmo período, os valores no Brasil subiram 0,60%, em média, apontam dados do índice FipeZAP+.

E quem pensa que o metro quadrado mais valorizado de Floripa fica localizado em Jurerê ou outras praias da cidade, se engana. As vantagens oferecidas por um complexo multiuso, que permite que os moradores tenham um diversificado mix de comércio e serviços ao lado de casa, possibilitando mais tempo e qualidade de vida no dia a dia levou a Bewiki, localizada no Centro da capital catarinense, ao topo do ranking. (VENDA..., 12/13 nov. 2022, p. 21)

Na perspectiva da teoria marxista do jornalismo de Genro Filho, há aqui um fato singular – a inauguração do complexo multiuso – que tem ligação com aspectos particulares naquela localização, como a demolição das últimas casas para a construção de prédios, fato constatado por um colunista do jornal, que poderia ser interpretado a partir da universalidade do fenômeno da especulação imobiliária no litoral brasileiro, mas essa relação, que aspira à totalidade para compreender o fenômeno, é invisibilizada na cobertura jornalística.

Por outro lado, são comuns notícias e reportagens sobre aspectos da história/memória da avenida ligados a prédios construídos com base em diferentes concepções arquitetônicas e urbanísticas em diferentes períodos históricos, tombados ou não como parte do patrimônio da cidade. Entre eles estão o Forte de Santa Bárbara (hoje Centro Cultural da Marinha de Santa Catarina), o Instituto Estadual de Educação (IEE), a Casa José Boiteux (atual sede do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e da Academia Catarinense de Letras), a antiga Escola Normal Catarinense (hoje Museu da Escola Catarinense), o Clube 12 de Agosto, o Hotel Oscar, o Hospital e Maternidade Dr. Carlos Corrêa e o prédio da antiga Rodoviária de Florianópolis, aqui citados conforme a disposição espacial em que aparecem no trecho Sul-Norte, a qual não coincide com o período histórico em que foram construídos. Um exemplo são as frequentes notícias e reportagens sobre o destino do prédio do Clube 12 de Agosto, o mais antigo do estado e com

diferentes sedes, estando a da Avenida Hercílio Luz localizada entre as Áreas 2 e 3 e atualmente interditada por mau estado de conservação.

As críticas ao abandono do prédio, na cobertura jornalística, relacionam a falta de preservação à insegurança, em especial quando a referência é às pessoas em situação de rua. Um exemplo é a nota intitulada “Queimou”, na coluna Gente, do colunista do *ND* Marcos Cardoso, referente ao entulho queimado que provocou fuligem na parede junto à porta dos fundos do Clube 12 de Agosto: “Não se sabe se moradores de rua que se instalaram exatamente ali fizeram uso de fogo e perderam o controle ou se o crime foi para expulsá-los ou obra de quem não tem o que fazer” (CARDOSO, 30 maio 2018).

Na Área 2 da Avenida Hercílio Luz, próximo ao Clube 12 de Agosto, localiza-se o Albergue Noturno Manoel Galdino Vieira e foi comum, nas saídas realizadas, encontrar pedintes e pessoas em situação de rua caminhando, com mochilas nas costas, no passeio central próximo ao albergue, e sentadas ou deitadas sob marquises ao longo da avenida. Com o aumento da população em situação de rua em face da crise econômica ao longo da pandemia de covid-19, o assunto volta e meia é tematizado na cobertura jornalística, destacando-se um lugar específico, a Praça Olívio Amorim, na Área 4, reformada pela Prefeitura ao longo de 2020 e 2021 em investimento de cerca de R\$ 520 mil reais (Figuras 8 e 9).

A praça, com 2.716,38 metros quadrados, localiza-se entre dois conjuntos de imóveis tombados em 1986 como patrimônio histórico e artístico municipal e integra uma das Áreas de Preservação Cultural do Centro de Florianópolis. Nela estão o Cachorro-Quente do Afonso – existente desde 1970 e tido como o cachorro-quente mais famoso da Ilha – além de floricultura, ponto de táxi, parquinho infantil, equipamentos de ginástica e *pet place*. Na praça há 22 bancos de concreto, além de 4 conjuntos de mesas/bancos (4 mesas e 15 bancos). Ali é comum jovens usarem a estrutura para sentar e conversar e entregadores estacionaram motocicletas para almoçar ou descansar sob as árvores, além do uso habitual do parquinho e dos equipamentos de ginástica (Figuras 8 e 9). No Google Maps, alguém marcou o centro da praça como “Fumódromo La

Loucura”, referência ao eventual cheiro de maconha na praça. No entorno, há vários bares e restaurantes com diferentes opções de comida, inclusive com fechamento e abertura de novos negócios no intervalo entre a primeira e a últimas saídas realizadas para a pesquisa.

Figuras 8 e 9 – Praça Olívio Amorim, na Área 4 da Avenida Hercílio Luz



Fonte: Fotos da autora.

A inauguração da praça reformada foi posteriormente tematizada na cobertura jornalística em função de usos tidos ali como indesejáveis, em

especial pela população em situação de rua. Um exemplo é a nota do colunista Fabio Gadotti na edição de 11 de junho de 2021 do *ND*:

ESPAÇO PÚBLICO

Um ano e sete meses depois da obra de revitalização, a praça Olívio Amorim, na avenida Hercílio Luz, já dá sinais de que está precisando novamente de atenção e zeladoria. A grama não está uniforme, os lixeiros estão quebrados, falta até um banco de concreto das mesas de jogos. O espaço também vem sendo usado como dormitório de moradores em situação de rua. (GADOTTI, 31 out. 2022, p. 2)

Outra nota, já em 2023, do colunista Cacau Menezes no mesmo jornal, acrescenta novas informações:

Situação delicada

Serviço Secreto do Cacau apurou que a excessiva concentração de mendigos na praça Olívio Amorim, na avenida Hercílio Luz, onde as crianças e as famílias sumiram de lá, se deve pela proximidade do Restaurante Popular, na avenida Mauro Ramos, que acabou virando polo de atração de moradores de rua. Mas o problema não se restringe apenas à praça Olívio Amorim, mas em toda a redondeza. Inclusive o canteiro central da avenida Mauro Ramos, e isso é uma situação de perigo, porque muitos ficam dormindo depois do almoço, no meio das pistas. Aliás, se Floripa quer saber como resolver, ou amenizar essa situação, é só ir a Balneário Camboriú conversar com o prefeito Fabrício Oliveira. Ou então vão a Nova York ou à zona sul do Rio de Janeiro. (MENEZES, 1º fev. 2023, p. 26).

A nota revela a rejeição aos frequentadores da praça atraídos por um novo equipamento público inaugurado em 2022, o Restaurante Popular, localizado na Avenida Mauro Ramos, onde a Avenida Hercílio Luz termina a Norte (final da Área 4, duas quadras depois da citada praça). O jornal critica o fato de a praça, de onde “as crianças e as famílias sumiram”, passar a ser usada por “mendigos” e “moradores de rua”, que ali podem aguardar a abertura do restaurante onde têm condições de se alimentar. Tanto eles quanto o uso que

fazem da praça são tratados como problemas. Não foram localizadas, porém, notícias ou reportagens que, no período analisado, tematizassem o fato de forma aprofundada tendo como referência a Avenida Hercílio Luz e, em especial, entrevistando pessoas em situação da rua sobre o cotidiano que experimentam no centro da cidade. As coberturas geralmente se assemelham ao esquema da notícia de 5 minutos e 16 segundos intitulada “Florianópolis está entre as 10 cidades com mais pessoas em situação de rua do Brasil”, divulgada no Balanço Geral Florianópolis, noticiário de tevê do grupo ND (NDTV). Nela, o repórter entrevista apenas uma pessoa, a representante da Prefeitura, para comentar o dado sobre a capital catarinense. Há várias imagens de pessoas em situação de rua, com o rosto borrado na edição para evitar identificação, mas não há entrevista com elas (BALANÇO GERAL, 3 out. 2023).

Os usos e, em especial, os contra-usos da Avenida Hercílio Luz, conforme noção de Leite (2007), foram fartamente tematizados na cobertura jornalística do período analisado em relação a um tema: os conflitos envolvendo os bares. Na pesquisa feita no jornal *ND*, esses conflitos, que começaram a ter visibilidade em 2017, aparecem em um total de 63 edições do jornal, conforme a Tabela 3.

Tabela 3 – Conflitos de uso relacionados aos bares em edições do *ND* por ano

ANO/NÚMERO DE EDIÇÕES
2017 - 2
2018 - 15
2019 - 11
2020 - 14
2021 - 5
2022 - 16
Total: 63

A primeira referência ocorre em uma nota de coluna na edição de 27 de julho de 2017:

No meio do caminho

As mesas de bares sobre calçadas são bem aceitas por comerciantes e frequentadores. Gera movimento e as pessoas interagem com o seu redor. Mas é preciso que se respeite as normas ou que elas sejam revistas. O boulevard da avenida Hercílio Luz está se tornando um caso típico de ocupação de espaço público. Há dias em que ao pedestre resta caminhar sobre a ciclovia, disputando chão com ciclistas às vezes intolerantes e skatistas. Deficiente visual ali sofre. (CARDOSO, 24 jul. 2017, p. 23)

Na edição de 25/26 de novembro de 2017 há uma segunda nota com foto: “ESPAÇOS PÚBLICOS: Tem morador reclamando das cadeiras colocadas pelos bares no passeio central da avenida Hercílio Luz, no Centro. Dizem que o espaço fica tomado e que pedestres, incluindo idosos e cadeirantes, são jogados para a ciclovia” (GADOTI, 25/26 nov. 2017, p. 2). Uma terceira nota é publicada na edição de 4 de janeiro de 2018:

Bagunça

Já foi comentado aqui: mesas de bares sobre o boulevard da avenida Hercílio Luz estão tomando cada vez mais espaço do pedestre. Agora a fila vai da esquina com a rua Anita Garibaldi até o prédio do BRDE. Além de impedir o acesso a lixeiras, bancos e mesas fixas para jogos, os pedestres são desviados para a ciclovia. Com a chuva da noite de terça-feira, acomodaram as mesas sob a marquise do edifício na esquina da rua Fernando Machado, bloqueando totalmente a calçada. (CARDOSO, 4 jan. 2018, p. 17)

Percebe-se que os fenômenos da vida cotidiana aparecem primeiro nas colunas jornalísticas, nas quais notas curtas muitas vezes servem posteriormente de pauta para a produção de notícias, reportagens, entrevistas ou artigos e editoriais de opinião, alimentando as edições diárias. Foi o que ocorreu com o tema mencionado. Na edição de 24/25 de fevereiro de 2018, o jornal publica reportagem de duas páginas – com chamada de capa “Boulevard informal na Hercílio Luz” e linha de apoio “Avanço dos bares com mesas sobre

o passeio central da avenida agrada aos frequentadores, mas também causa revolta de moradores”, – intitulada “Todos disputam a avenida”, tendo a seguinte abertura:

A avenida Hercílio Luz, uma das principais artérias de Florianópolis, nunca foi propriamente um lugar de unanimidades. Desde que o governo da província transferiu para aquela área os feirantes instalados na lamacenta praça central quando o imperador dom Pedro 2º desembarcou no Desterro, em 1845, a região do antigo rio da Bulha divide os ilhéus e seus destinos. Depois, o canal separou a cidade branca da negra e os mais bem nascidos daqueles que viviam de biscates e do subemprego. Hoje, urbanizada, a avenida passa por nova transformação, tende a ganhar ares de boulevard - e provoca a ira de quem não concorda com a ocupação do passeio por mesas, cadeiras e por quem nelas se instala para beber e tagarelar quando o sol se põe.

No outro lado da trincheira estão os donos de bares e frequentadores que preferem a via repleta de pessoas em confraternização do que tomada por moradores de rua, pedintes e pequenos marginais que se aproveitavam do isolamento do lugar para agir. A situação melhorou muito depois que a prefeitura tampou o canal poluído e fez da alameda um local de encontros e caminhadas, criou espaços para o xadrez, pista para skate e ciclovia. Não há em Florianópolis outro ponto assim, em localização tão privilegiada, bem sombreada e capaz de reunir de estudantes a aposentados, famílias que moram no "paredão" (série de prédios construídos no final de década de 1970 entre as ruas José Jacques e Anita Garibaldi) e gente diversa que utiliza o passeio para se locomover imune aos buracos e desníveis de outros logradouros públicos.

[...]

Sobre a Hercílio Luz, as autoridades admitem que a área precisa ser melhor tratada e que a criação de uma via gastronômica poderia mudar para melhor um espaço que aos poucos, por conta própria, já está ganhando uma nova cara. (SCHMITZ, 24/25 fev. 2018, p. 6-7).

A reportagem registra três importantes aspectos: 1) por sua constituição histórica, a avenida nunca foi lugar de unanimidades; 2) a localização e as condições para a sociabilidade ali são únicas em Florianópolis e 3) a apropriação

do espaço pelos bares e frequentadores se deu “por conta própria”, sem regulamentação balizadora prévia por parte da Prefeitura. Esse conjunto de fatores tensiona os usos e os contra-usos da avenida, conforme noção de Leite (2007) segundo a qual usos e contra-usos concorrem para a reativação dos espaços urbanos como espaços públicos mediante a construção dos lugares “a partir da demarcação socioespacial da diferença e das ressignificações que esses contra-usos realizam” (2007, p. 215).

Foi possível perceber, nas saídas de campo, como esses contra-usos se constituem na sociabilidade da Avenida Hercílio Luz em especial na forma como os bares e frequentadores se apropriam do canteiro central nas Áreas 2, 3 e 4 a partir do cair da tarde. Por volta das 17 horas, começa a montagem de estruturas para receber clientes: toldos, mesas, cadeiras, bancos, cavaletes com *banners* para anunciar promoções. Garagens, portas e portões que, de dia, não indicam uso específico, à noite acendem luzes e funcionam como bares, como se fossem cenários ou teatros que se revelam à noite. Conforme a hora avança, aumenta a concentração de pessoas, que geralmente é maior na Área 3, em especial entre a Rua Mário Couto e a rua Anita Garibaldi (Figura 10). Entre outros, ali se localiza o Rio’s Bar, um dos mais antigos da Ilha – 56 anos de existência em dezembro de 2023 –, e o ir e vir para atravessar a pista entre o canteiro central e a calçada do outro lado revela-se no gradil arrancado em pelo menos 8 segmentos no trecho. O gradil, instalado para proteger os pedestres do fluxo de trânsito veicular, acaba se tornando obstáculo para a circulação transversal entre o canteiro e os bares.

Figura 10 – Área 3 com canteiro central ocupado por mesas, cadeiras e frequentadores



Fonte: Foto da autora.

O grande número de frequentadores atrai vendedores ambulantes de alimentos, principalmente docinhos, que passam nas mesas ou abordam transeuntes, e também de artesanato. Há ainda oferta de espetinhos improvisada no canteiro central, como verifiquei na frente do Instituto Estadual de Educação (IEE). Flanelinhas abordam motoristas e entregadores aguardam serviço na rua, onde se dá o vai e vem dos garçons, entre o canteiro e os bares, para atender a clientela. O som das conversas se mistura com a música vinda de aparelhos em veículos de capota aberta. No ar, o cheiro da carne assada nos espetinhos. Naquele trecho, as luminárias são baixas, ao contrário do que ocorre na Área 1, onde a proximidade com as pistas velozes que levam à saída da Ilha exige altos postes metálicos para iluminação viária.

Não encontrei, na cobertura jornalística analisada, notícias ou reportagens que abordassem de forma detalhada a diversidade de público nos bares da avenida, mas é perceptível que cada Área e cada bar atraem clientela mais ou menos definida e até cativa. No canteiro central em frente ao Buteco da Hercílio, na Área 2, conversei com dois rapazes sobre o motivo de preferirem ficar sentados ali e eles responderam que era pelo preço do litrão de cerveja, R\$

13,00, pela sensação de mais segurança em relação aos outros trechos e porque a “galera ali era de boa e não se discriminava ninguém pela roupa”.

Na Área 4, quase esquina com a Avenida Mauro Ramos, localiza-se o bar IntoKáveis, que tem clientela assídua. Numa das saídas, pedi a um cliente para listar os motivos que o faziam preferir um bar a outro. Ele respondeu que há mais de 22 anos frequentava o IntoKáveis e os motivos para escolher qual frequentar eram: o dono do bar, o produto oferecido – dando como exemplo o pão com linguiça a R\$ 5,00 oferecido no Intokáveis –, a “galera” que frequentava, se era perto ou longe dos demais locais onde ele circulava, o ambiente e a regularidade do horário de funcionamento.

Na frente do bar Usina, na Área 3, conversei com duas moças e elas disseram que ali era mais alegre, tinha lugar para sentar e o litrão custava R\$ 13,00. Em outra abordagem na Área 2, havia quatro pessoas na mesa, e elas responderam que circulavam, mas paravam geralmente ali porque era a entrada da rua Victor Meirelles e apreciavam ver o movimento.

A referência à rua Victor Meirelles, que faz esquina com a Avenida Hercílio Luz, é explicada porque ali há outro circuito de bares onde ocorreram os episódios mais noticiados de repressão policial. Um ano antes da pandemia de covid-19, havia sete bares em duas quadras, como registra notícia de 3 de maio de 2019:

A rua Victor Meirelles, entre Saldanha Marinho e Avenida Hercílio Luz, em Florianópolis, se transformou no maior ponto de encontro dos jovens nas noites de sextas e sábados. (...) O público começou a ser atraído ao local com a abertura do No Class, em 2017. (...).

O número de frequentadores cresceu de forma tão expressiva que hoje a rua fica totalmente tomada entre às 21h e 2h da madrugada, transformando-se no principal ponto de "esquentar" para as demais baladas da região, e ajudando a revitalizar o espaço até então abandonado e perigoso para quem quisesse circular pelo centro da cidade nesse horário. (ABREU, 2019)

A expressão “revitalizar” e “revitalização” são frequentes na cobertura jornalística sobre o chamado Centro Leste de Florianópolis, na lógica de uma “economia criativa” defendida por comerciantes locais e pelas entidades empresariais ligadas ao setor de comércio e serviços. O discurso se intensificou a partir de janeiro de 2019, quando ocorreu o primeiro episódio de repressão policial noticiado no período de análise. A Polícia Militar dispersou com balas de borracha, bombas de efeito moral e gás de pimenta cerca de 100 pessoas que estavam na Rua Victor Meirelles depois da apresentação de uma banda. Episódios semelhantes de repressão ocorreram nos anos seguintes e, com a análise da cobertura, é possível perceber que a atuação da Polícia Militar leva o Ministério Público de Santa Catarina (MPSC), assim como outras instituições, especialmente as ligadas ao empresariado, a se manifestar e cobrar a atuação da prefeitura para paulatinamente ampliar a regulamentação para a ocupação do Centro Leste. O fato fica evidenciado em reportagem de duas páginas intitulada “Repaginação do Centro Histórico”, publicada em 2-3 de março de 2019, na qual se destaca uma retranca com o título “PM chamou reunião para discutir ações no Centro” e o seguinte trecho de entrevista com o então comandante-geral da PM:

Perguntado sobre o resultado da ação, que não resultou em autuação de estabelecimentos ou prisão de pessoas, Gomes afirmou que se tratou de ocorrência para verificar perturbação do trabalho e sossego e disse que a PM está assumindo a frente das negociações para discutir a questão da segurança. "A melhor maneira de evitar essa intervenção crítica é evitar o incidente, o que acontece com mediação prévia. Como a mediação de outros órgãos não tem se mostrado efetivo e a nossa intervenção é cada vez mais frequente, a Polícia Militar traz pra si o protagonismo da mediação e do diálogo, trazendo para o quartel as pessoas envolvidas para verificar como, compondo, cedendo e mediando os interesses, nós evitamos a necessidade de intervenções como aquelas". (BISPO, 2-3 mar. 2019)

Na ocasião, havia ocorrido um segundo episódio de repressão policial, no encerramento das festividades de Carnaval, provocado, segundo a PM, por reclamações de moradores de excesso de barulho. Em 2022, depois de um terceiro episódio de repressão durante o Carnaval e um novo pacote de regulamentações para o uso da via, o jornal *ND* fez uma série de notícias e reportagens que culminaram em editorial na edição de 4 de março intitulado “Uma solução que favorece o turismo” e assim iniciado: “A polêmica que se instalou entre poder público e comerciantes da avenida Hercílio Luz, considerada um dos redutos boêmios e históricos da Capital, está perto de uma solução” (EDITORIAL, 4 mar. 2022). Ao final daquele ano, o Grupo ND comemorava a sanção, pelo Executivo, de lei aprovada na Câmara de Vereadores que criava a Via Gastronômica da Avenida Hercílio Luz. O colunista Fabio Gadotti, na edição de 1º de fevereiro de 2023, menciona um edital com novas obras em finalização pela prefeitura e conclui: “Guardadas as devidas proporções, a Hercílio Luz será o que Las Ramblas é para Barcelona”, referindo-se à conhecida avenida arborizada da cidade espanhola (GADOTTI, 1º fev. 2023).

Ainda que a cobertura jornalística tenha insinuado, no processo, o papel da PM, cujo protagonismo foi arrogado pelo próprio comandante-geral, é notável a ausência de debate aprofundado sobre esse protagonismo em se tratando de um espaço urbano apropriado como espaço público, com todas as tensões e conflitos daí derivados. Também se evidencia o pouco espaço, nas notícias e reportagens, às falas dos usuários como protagonistas da apropriação do espaço público da rua, sendo mais comuns as entrevistas com fontes do poder público, de instituições e de entidades representativas do setor empresarial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O enlaçamento entre a etnografia e o jornalismo, combinando a etnografia de rua como possibilidade de prática em campo e a tomada dos

arquivos (nesta pesquisa os arquivos jornalísticos) como campo de prática etnográfica, permitiu identificar as dinâmicas urbanas da Avenida Hercílio Luz, no Centro de Florianópolis, sob dois pontos de vista: a da pesquisadora nas incursões na avenida e a da cobertura jornalística, sendo esta o resultado de múltiplos pontos de vista dado ser um conjunto de práticas e procedimentos com suas próprias características.

Nos 10 anos da cobertura pesquisada, diferentes profissionais (jornalistas, colunistas, repórteres fotográficos) escreveram sobre a avenida, suas formas de sociabilidade e seus conflitos, e é possível perceber, em vários textos e reportagens, o “olhar de perto e de dentro”, no dizer de Magnani, de repórteres que apreenderam, em maior ou menor grau, essa rica realidade onde ela se concretiza, na rua, ainda que a diversidade de usos e usuários não receba a atenção devida.

Nas saídas e na cobertura jornalística, foi possível perceber a relação das formas de sociabilidade à presença de equipamentos públicos como bancos, mesas e cadeiras e à própria existência do canteiro central, alvo de frequentes investimentos públicos. A cobertura também revela que a apropriação daquele espaço urbano como espaço público, especialmente pelos bares e frequentadores, se deu antes da paulatina constituição de regulamentos. Os conflitos apareceram quando o ir e vir na avenida incorporou o ato de parar e ficar, usufruindo a noite em conversas, petiscos e “geladas” em litrão barato. No comércio ao longo da avenida, é possível encontrar desde comida barata até pizzas a mais de R\$ 100,00 a unidade, e cada Área tem bares que atraem diferentes públicos e onde parte da clientela é cativa, demarcando diferentes apropriações socioespaciais.

O contra-uso se estabelece quando bares e frequentadores passam do horário permitido na rua, levando a violentas repressões policiais e, posteriormente, a regramentos. Nesse processo, é protagonista a Polícia Militar, fato mencionado, mas naturalizado, na cobertura jornalística, sem provocar questionamentos. Um contra-uso frequentemente mencionado é o da população em situação de rua, que aparece no Grupo ND como a parcela de

usuários mais indesejada. Isso é perceptível nas menções negativas, recriminando o fato de essa população sentar-se ou deitar-se na Praça Olívio Amorim à espera da abertura de um equipamento público nas proximidades, o Restaurante Popular, para satisfazer a fome.

A especulação imobiliária no Centro Leste é o tema ocultado na cobertura jornalística. Ainda que o jornal, em coluna, mencione o sumiço das casas da avenida, esse fato aparece como algo isolado e sem conexões que o expliquem, em especial diante da campanha do jornal em prol da chamada “revitalização” do Centro Leste na lógica da “economia criativa” defendida pela prefeitura e pelas entidades empresariais. Ao longo da pesquisa, encontrei apenas uma menção a essa preocupação em uma retranca de dois parágrafos, parte de reportagem de uma página em que um comerciante local afirma o seguinte: “É preciso ter cuidado com essa revitalização, pois a especulação imobiliária pode se apropriar dessa condição, e os alugueis voltariam a subir, quebrando os pequenos negócios que existem aqui” (DALCIN, 28 nov. 2018, p. 3).

Nas saídas para a etnografia de rua na Avenida Hercílio Luz, a conclusão é que a cidade concretou e definitivamente invisibilizou o rio, dele restando uma água fugidia vislumbrada em um bueiro. Nada sinaliza ali a existência do outrora córrego da Fonte Grande, e o rio e sua história desaparecem da memória urbana, impondo-se a ideia da alameda ou boulevard à moda de Paris ou Barcelona, pautando a cidade por modelos europeus como ideais a serem copiados. A resignificação do sinuoso trajeto sob o qual hoje corre o malcheiroso rio se deu em um processo histórico de práticas sanitárias/higienistas que segregaram a população local. Esse fato, com suas consequências no presente, teria muito a dizer se fosse elucidado por um jornalismo a serviço da crítica do cotidiano a partir da experiência vivida no espaço. É possível então afirmar que a cobertura tematiza os conflitos de uso, mas não aprofunda a compreensão da experiência urbana a partir da perspectiva dos usuários da rua sob a qual corre o rio concretado.

REFERÊNCIAS

ABREU, L. de. Com sete bares, rua Victor Meirelles torna-se reduto de jovens na noite de Florianópolis. **DC**, Entretenimento, Florianópolis, 3 maio 2019. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/com-sete-bares-rua-victor-meirelles-torna-se-reduto-de-jovens-na-noite-de-florianopolis>. Acesso em: 19 nov. 2023.

BALANÇO GERAL. Florianópolis está entre as 10 cidades com mais pessoas em situação de rua do Brasil, **NDTV**, Florianópolis, 3 out. 2023. Disponível em: https://ndmais.com.br/noticias/florianopolis-esta-entre-as-10-cidades-com-mais-pessoas-em-situacao-de-rua-do-brasil/?utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=ndmais_share. Acesso em: 8 out. 2023.

BERNARDES, C. D. **Águas da Bulha: uma nova paisagem para a Avenida Hercílio Luz**. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

BISPO, F. PM chamou reunião para discutir ações no Centro. **ND**, Cidade, Florianópolis, 2-3 mar. 2019, p. 7.

BORGHEZAN, J. L. F. **Urbanização, Saneamento e Marginalização: uma análise da construção da Avenida Hercílio Luz 1918-1922**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

CARDOSO, M. **No meio do caminho**. **ND**, Gente, Florianópolis, 24 jul. 2017, p. 23.

CARDOSO, M. **Bagunça**. **ND**, Gente, Florianópolis, 4 jan. 2018, p. 17.

CARDOSO, M. **Queimou**. **ND**, Gente, Florianópolis, 30 maio 2018, p. 17.

CARDOSO, M. **Cenário**. **ND**, Gente, Florianópolis, 3 nov. 2021, p. 17.

CENTENA, C. L.; MATOS, M. R. de. Cidade, tempos cruzados e sociabilidades diversas: o olhar do antropólogo com as solicitações do andar à deriva. In: ABREU, M. S. de. (org.) *Etnografia na Antropologia e Apuração no Jornalismo: Tempos, Métodos e Experiências de Interpretação do Espaço Urbano*. Florianópolis, 2023, p. 9-28. Disponível em: <https://ppgas.paginas.ufsc.br/files/2023/01/Etnografia-Jornalismo.pdf>. Acesso em: 3 out. 2023.

CONHEÇA as 10 melhores cidades para viver na aposentadoria. Isto É Dinheiro, Giro, São Paulo, 18 jul. 2022. Disponível em: <https://istoedinheiro.com.br/conheca-as-10-melhores-cidades-para-viver-na-aposentadoria/>. Acesso em: 5 out. 2023.

CULLETON, B. **Rios e córregos invisíveis que correm pelo Centro**. **ND**, Cidade, Florianópolis, 3 jan. 2022, p. 5.

CUNHA, Olívia Maria Gomes da. Tempo imperfeito: uma etnografia do arquivo. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 287-322, 2004.

EDITORIAL. **Uma solução que favorece o turismo**. ND, Opinião, Florianópolis, 4 mar. 2022, p. 10.

DALCIN, C. Rigo. **Revitalização preocupa comerciante**. ND, Especial, Florianópolis, 28 nov. 2018, p. 3.

FLORIANÓPOLIS. Lei Complementar nº 482, de 17 de janeiro de 2014. **Institui o Plano Diretor de Urbanismo do Município de Florianópolis que dispõe sobre a Política de Desenvolvimento Urbano, o Plano de Uso e Ocupação, os Instrumentos Urbanísticos e o Sistema de Gestão. Plano Diretor de Florianópolis, Florianópolis**. Disponível em: <http://ipuf.pmf.sc.gov.br/plano-diretor/>. Acesso em: 2 out. 2023.

FONSECA JÚNIOR, W. C. da. Análise de conteúdo. In: DUARTE, Jorge e BARROS. Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005, p. 280-304.

GADOTTI, F. Espaços públicos. ND, coluna Bom Dia, Florianópolis, 25/26 nov. 2017, p. 2.

GADOTTI, F. Espaço público. ND, coluna Bom Dia, Florianópolis, 31 out. 2022, p. 2.

GADOTTI, F. Las Ramblas em Florianópolis. ND, coluna Bom Dia, Florianópolis, 1º fev. 2023, p. 2.

GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo, Porto Alegre: Tchê, 1989.

IGOR, R. Avenida Hercílio Luz pode virar a Champs-Élysées manezinha. NSC, coluna, Florianópolis, 16 maio 2022. Disponível em: <https://www.nsetotal.com.br/colunistas/renato-igor/avenida-hercilio-luz-pode-virar-a-champs-elysees-manezinha>. Acesso em: 21 set. 2023.

LEITE, R. P. **Contra-usos da cidade**: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea. 2 ed. - Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Aracaju, SE: Editora UFS, 2007.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 17, nº 49, junho/2002. p. 11-29. Disponível em <https://drive.google.com/file/d/1oGX0nj5IZKkFstajNviVvs-pAWTRHS1v/view>. Acesso em: 21 set. 2023.

MAGNANI, J. G. C. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lilian de Lucca

(Orgs.). **Na metrópole** - textos de antropologia urbana. São Paulo: EdUSP, 1996, p. 13-53.

MENEZES, C. Situação delicada, **ND**, coluna, Florianópolis, 1º fev. 2023, p. 26.

MUZZOPAPPA, Eva, VILLALTA Carla. Os documentos como campo. Reflexões teórico-metodológicas sobre uma abordagem etnográfica de arquivos e documentos estatais. **Revista Colombiana de Antropologia** [en línea]. 2011, 47(1), 13-42. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=105021310002>. Acesso em: 26 out. 2024.

PESQUISA revela que 17 a cada 100 pessoas são idosas em Florianópolis. **ND**, Florianópolis, 22 jul. 2022. Disponível em: <https://ndmais.com.br/economia/pesquisa-revela-que-17-a-cada-100-pessoas-sao-idosas-em-florianopolis/>. Acesso em: 5 out. 2023.

REVITALIZAÇÃO da Avenida Hercílio Luz está em fase final. **Correio da Ilha**, Florianópolis, 10 jul. 2008. Disponível em: <https://floripamanha.org/2008/07/revitalizacao-da-avenida-hercilio-luz-esta-em-fase-final/> Acesso em: 24 set. 2023.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da.; ECKERT, Cornelia. Apresentação. In: ROCHA, Ana Luiza Carvalho da.; ECKERT, Cornelia. **Etnografia de rua: estudos de antropologia urbana**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013, pp. 12-20.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da.; ECKERT, Cornelia. Etnografia de e na rua: estudo de antropologia urbana. In: ROCHA, Ana Luiza Carvalho da.; ECKERT, Cornelia. **Etnografia de rua: estudos de antropologia urbana**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013, pp. 21-46.

SANTANA. A. S. A. L. de. Jornalismo e etnografia: confluências, discrepâncias e alguns equívocos. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 19, n. 2, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/89553/52466>. Acesso em: 26 set. 2023.

SCHMITZ, P. C. Todos disputam a avenida. **ND**, Florianópolis, 24/25 fev. 2018.

SCHMITZ, P. C. Avenida Hercílio Luz, o mundo peculiar do paredão. **ND**, Florianópolis, 31 mar. 2012. Disponível em: <https://ndmais.com.br/noticias/avenida-hercilio-luz-o-mundo-peculiar-do-paredao/>. Acesso em: 3 out. 2023.

SILVA, T. Os atos de escolha na apuração jornalística. In: SILVA, Gislene; VOGEL, Daisi; SILVA, Teresinha. **Apuração, redação e edição jornalística**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2022. p. 31-41.

SOUZA, C. F. de. Os sentidos das palavras nas ruas da cidade. Entre as práticas populares e o poder do Estado (ou público). In: BRESCIANI, Maria Stella. **Palavras da cidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001. p. 137-156.

VEDANA, Viviane. Mercados de rua e ambiência de fruição estética: estudo de etnografia de rua. In: ROCHA, Ana Luiza Carvalho da.; ECKERT, Cornelia. **Etnografia de rua: estudos de antropologia urbana**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013, pp. 147-172.

VEIGA, E. V. da. **Florianópolis: Memória Urbana**. Florianópolis: Editora da UFSC e Fundação Franklin Cascaes, 1993.

VENDA do metro quadrado em Florianópolis chega a R\$ 50 mil. **ND**, Florianópolis (SC), 12/13 nov. 2022, p. 21.

Miriam Santini de Abreu

Doutora em Jornalismo, mestre em Geografia, especialista em Educação e Meio Ambiente, graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. Estágio pós-doutoral em Antropologia Social (UFSC). Filiação institucional: Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). E-mail: misabreu70@gmail.com

Recebido em 30 de novembro de 2023.

Aceito em 30 de dezembro de 2023.